

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI

MARIA DAS DORES GOMES LIMA DO NASCIMENTO

**A VISÃO NARRATIVA DA OBRA *O RETRATO DE DORIAN GRAY*:
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O LIVRO DE OSCAR WILDE E
O FILME DIRIGIDO POR OLIVER PARKER NO VIÉS DO NARRADOR**

TERESINA
2017

MARIA DAS DORES GOMES LIMA DO NASCIMENTO

**A VISÃO NARRATIVA DA OBRA *O RETRATO DE DORIAN GRAY*:
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O LIVRO DE OSCAR WILDE E
O FILME DIRIGIDO POR OLIVER PARKER NO VIÉS DO NARRADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras/Inglês da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, como requisito parcial para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras/Inglês.

Orientadora: Profa. Ms. Denise Layana Pinheiro Nascimento

**TERESINA
2017**



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA
PLENA EM LETRAS INGLÊS



MARIA DAS DORES GOMES LIMA DO NASCIMENTO

“A VISÃO NARRATIVA DA OBRA O RETRATO DE DORIAN GRAY: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O LIVRO DE OSCAR WILDE E O FILME DIRIGIDO POR OLIVER PARKER NO VIÉS DO NARRADOR”

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – apresentado à Banca Examinadora do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras/Inglês, sob a orientação da Prof. Ms. Denise Layana Pinheiro Nascimento

TCC APROVADO EM 05 DEZEMBRO DE 2017

BANCA EXAMINADORA

Denise Layana Pinheiro Nascimento

1º Examinador: PROFA MS. DENISE LAYANA PINHEIRO NASCIMENTO
(Orientadora)

Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva

2º Avaliador: PROFa. MS. SHARMILLA O'HANA RODRIGUES DA SILVA

Maria da Cruz Moura Carvalho

3º Avaliador: PROFa. Esp. MARIA DA CRUZ MOURA CARVALHO

Aos meus pais, meus heróis,
Raimundo e Rosa, que sempre
estiveram ao meu lado, me
apoando e incentivando.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, digno de toda honra e de toda glória, pelo dom da vida e por essa imensa conquista em minha vida;

Aos meus Pais, Rosa e Raimundo, que sempre estiveram ao meu lado, embora longe fisicamente, pelo apoio e confiança;

Ao meu pequeno príncipe, meu filho João Segundo, minha fonte de inspiração;

Ao meu esposo, João Henrique, pela força e companheirismo, pois nos momentos mais difíceis estava ao meu lado, me apoiando e me incentivando;

Não menos importante agradecer a eles, à Família Martins, de uma forma especial, à Tia Margareth e ao tio Washington;

À minha amiga Luisa Rosnney, por sua amizade e companheirismo; à minha amiga Brenna, que teve bastante paciência e conselhos;

À professora Denise Layana, por sua atenção e ajuda na realização desse trabalho e a Universidade Estadual do Piauí (UESPI); Um agradecimento especial também para as professoras Sharmilla O'hana e Maria da Cruz, por prontamente aceitarem fazer parte desta banca.

Enfim, agradeço a toda minha família, irmãos, tios, primos, avós e amigos, que, de alguma forma, fizeram parte dessa vitória;

E a todos que sempre me apoiaram, direta ou indiretamente, para essa realização.

“Tudo posso Naquele que me fortalece”

Filipenses 4:13

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido no campo da literatura comparada à luz de teorias que envolvem a estrutura da narrativa Literária e Cinematográfica, bem como do Narrador Literário e Cinematográfico, tendo como objeto de estudo o romance *O retrato de Dorian Gray* (1891) de Oscar Wilde, e o filme *O retrato de Dorian Gray* dirigido por Oliver Parker (2009). O estudo apresenta, como objetivo geral, analisar e interpretar a narrativa pelo viés do narrador, verificando as semelhanças e diferenças entre o livro e o filme. Em relação aos objetivos específicos, propõe-se identificar a presença do narrador tanto no livro, quanto no filme, verificando a focalização do narrador; classificar o narrador e definir o seu foco narrativo, analisar o distanciamento do narrador em relação ao texto narrado e o leitor/expectador. Metodologicamente, efetuou-se um estudo bibliográfico de cunho qualitativo, através de livros, estudos acadêmicos, dados documentais como artigos, e material audiovisual específico, tendo com principais estudiosos: Carvalhal (2006), Coutinho (2010), Garrit (2007), Genette (1972), Queluz e Silva (2015), Toffoli (2013) e Wilde (2012). Então, pode-se afirmar que o narrador está presente tanto no livro como no filme *O Retrato de Dorian Gray*, definindo-se que este é um narrador do tipo onisciente intruso e heterodiegético, haja visto que ao narrar percebe-se paralelamente distância e aproximação do leitor/ expectador da história narrada, e que usando o diálogo e o plano/close os conduz para interior do mundo midiático.

Palavras-chave: Literatura; Cinema; Narrador; *O Retrato de Dorian Gray*.

ABSTRACT

This study was developed in the field of comparative literature in light of theories involving the structure of the Literary and Cinematographic Narrative, as well as the Literary and Cinematographic Narrator, whose object is to study the novel *The Portrait of Dorian Gray* (1891) by Oscar Wilde, and the film *The Portrait of Dorian Gray* directed by Oliver Parker (2009). The study presents, as a general objective, to analyze and interpret the narrative by the narrator's bias, verifying the similarities and differences between the book and the film. In relation to the specific objectives, it is proposed to identify the presence of the narrator both in the book and in the film, verifying the narrator's focus; to classify the narrator and to define his narrative focus, to analyze the distance of the narrator from the narrated text and the reader / spectator. Methodologically, a qualitative bibliographical study was carried out, through books, academic studies, documentary data such as articles, and specific audiovisual material, with major scholars: Carvalhal (2006), Coutinho (2010), Garrit (2007), Genette (1972), Queluz e Silva (2015), Toffoli (2013) e Wilde (2012). So it can be said that the narrator is present both in the book and in the film *The Portrait of Dorian Gray*, defining that this is a narrator of the omniscient type intrusive and heterodiegetic, since in narrating it is perceived in parallel distance and the reader / spectator's approximation of the narrated history, and that using dialogue and the plane / close leads them to the interior of the media world.

Keywords: Literature; Cinema; Narrator; *Picture of the Dorian Gray*.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	23
Quadro 02	24
Quadro 03	25
Quadro 04	26
Quadro 05	27
Quadro 06	27
Quadro 07	28
Quadro 08	29
Quadro 09	29
Quadro 10	30
Quadro 11	32

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Cena do personagem Dorian Gray com um instrumento pontiagudo matando Basil.....	24
Figura 02 – Cena de Dorian chegando em Londres.....	25
Figura 03 – Cena de Dorian conhecendo Lorde Henry, em uma festa	25
Figura 04 – Cena de Dorian fazendo o pacto.....	26
Figura 05 – Cena do quadro de Dorian sendo exposto à sociedade britânica .	27
Figura 06 – Cena de Sybil Vane no lago e na casa de Dorian.....	28
Figura 07 – Cena de Jim anunciando a morte de Sybil Vane	28
Figura 08 – Cena de Sybil Vane morta no rio.....	29
Figura 09 – Cena do beijo entre Dorian e Basil.....	30
Figura 10 – A personagem Emilly Wotton, filha de Lord Henry	31
Figura 11 – Cena de Dorian em chamas.....	32
Figura 12- Lorde Henry presenciando a discussão de Sybel e Dorian.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CONTEXTUALIZANDO LITERATURA E CINEMA.....	13
2.1 Considerações acerca da literatura comparada e os aspectos conceituais e característicos do cinema.....	13
3 O RETRATO DE DORIAN GRAY DE OSCAR WILDE – VERSÃO LITERÁRIA.....	17
3.1 Análise da obra literária <i>O retrato de Dorian Gray</i> e os elementos dessa narrativa	17
3.1.1 Enredo.....	17
3.1.2 Tema, Assunto e Mensagem.....	20
3.1.3 Tempo, Ambiente e Espaço.....	20
4 ANÁLISE VERSÃO FÍLMICA X VERSÃO LITERÁRIA DA OBRA O RETRATO DE DORIAN GRAY.....	22
4.1 Análise da versão fílmica do romance <i>O retrato de Dorian Gray</i> com o viés do narrador.....	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
6 REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como temática: a visão narrativa da obra *O retrato de Dorian Gray*. O mesmo constitui-se em um estudo comparativo entre o livro de Oscar Wilde e o filme dirigido por Oliver Parker na perspectiva do narrador. Dorian Gray é o personagem principal e inspiração do romance, que conta a história de um jovem rico, com uma beleza estonteante que mora na Inglaterra, contudo, um jovem ingênuo. Depois de conhecer Lorde Henry, um amigo de Basil (pintor do quadro de Dorian), sofrerá sua influência maliciosa, o que mudará os rumos da vida do jovem Gray, tornando-se um homem sem escrúpulos e perverso.

Dorian faz uma espécie de pacto, vendendo a alma em troca da juventude eterna, contudo Dorian não imaginava que a tela se modificava ao passo que ele praticava atos negativos. Além disso, todas as marcas adquiridas com o passar do tempo revelavam-se no quadro. Um romance puro e efêmero com a atriz Sybil Vane somará à história do jovem, bem como o afeto de Basil por Dorian. Ao final, tem-se o fim trágico de Dorian Gray desfazendo-se o pacto demoníaco.

Buscou-se estruturar esta análise reflexiva a partir do conhecimento da obra literária, culminando o conhecimento da versão fílmica de 2009. Surgiu, portanto, a possibilidade de desenvolver um estudo aprofundado da obra e do filme no viés do narrador. Para tanto, procurou-se identificar os pontos de similaridades e/ou diferenças no viés do narrador.

A primeira das razões para a realização deste estudo está na leitura do livro e no contato com o filme *Retrato de Dorian Gray*. Durante esse processo de recepção, é perceptível a presença marcante de um ser que fala ao leitor/espectador, descreve o ambiente e que organiza os eventos que constituem a história, induzindo ao apreciador algumas questões tais como: Quem fala? De onde fala? Quem apresenta as imagens? As respostas a essas questões contribuem para o entendimento sobre quem conta ou apresenta as imagens e a história, e sobre as formas utilizadas durante a narração.

O segundo aspecto que justifica este estudo é sua relevante contribuição na ampliação do conhecimento literário e cultural, mais especificamente no conhecimento e valorização do livro e do filme *O Retrato de Dorian Gray*, ao

aprofundar as discussões a respeito da narrativa na linguagem textual e cinematográfica, e ao intensificar as reflexões sobre Literatura e Cinema, especialmente, no campo da Literatura comparada.

Somado a essas razões, o estudo ainda contribui com um maior conhecimento teórico sobre Literatura e Cinema, o que possibilita a realização de outros estudos, especialmente no que se refere à aplicabilidade das teorias do narrador e da narrativa nos diferentes meios. Considerando todos estes aspectos, decidiu-se desenvolver um estudo comparativo, buscando identificar os pontos de similaridade e diferenças, no viés do narrador entre o livro *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, e o filme dirigido por Oliver Parker.

Para a realização do estudo definiu-se como objetivo geral analisar e interpretar a narrativa pelo viés do narrador, verificando as semelhanças e diferenças entre o livro e o filme *O Retrato de Dorian Gray*. Os objetivos específicos deste trabalho são: identificar a presença do narrador no livro e no filme, classificar o narrador definindo o seu foco narrativo, e avaliar como o narrador conta a história nas duas artes.

Elaborou-se as seguintes questões norteadoras: Quem é o narrador? Qual o distanciamento do narrador em relação ao texto narrado? Qual o distanciamento entre a obra e o apreciador? Desse modo, estas questões indicaram o percurso a ser seguido em busca do entendimento sobre a participação e o papel do narrador na literatura, como uma entidade já bastante estudada e consagrada, e no cinema, como uma instância complexa e não bem definida.

As possíveis respostas para tais questionamentos podem estar nas hipóteses levantadas às quais: o narrador no livro é único, extradiegético¹ e onisciente, pois fala em terceira pessoa, conversa com o leitor, tudo sabe e tudo vê; já no filme o narrador é uma entidade múltipla formada por instâncias que se localizam como narrador externo. Este narrador externo está em todos os lugares, tudo vê, e tudo mostra, através do olho da câmera, se apresentando como um narrador onisciente e onipresente.

¹ Metz (apud AUMONT, 2003, p.78) diz que a diegese é a instância representada do filme, ou seja, o conjunto de denotação fílmica: a própria narrativa, mas também o tempo e o espaço ficcionais implicados na e por meio da narrativa, e com isso as personagens, a paisagem, os elementos narrativos, porquanto sejam considerados em seu estado denotado.

Realizou-se um estudo bibliográfico de caráter qualitativo, mediante leitura reflexiva e comparativa, de livros, artigos científicos, portais de produção científica, apresentando como autores de base: Carvalhal (2006), Coutinho (2010), Garrit (2007), Genette (1972), Queluz e Silva (2015), Toffoli (2013) e Wilde (2016), através da coleta de dados extraídos das duas obras para análise comparativa, respectivamente, com a leitura do livro *O Retrato de Dorian Gray* obra de 1891, e o filme *O Retrato de Dorian Gray* dirigido por Oliver Parker, lançado em 2009.

O trabalho estrutura-se em cinco seções, sendo a primeira referente à introdução, onde é explicitado o assunto como um todo. A segunda seção corresponde ao primeiro tópico, permitindo contextualizar Literatura Comparada e Cinema, tendo como base a questão da estrutura da narrativa literária. A terceira destina-se à análise e interpretação do livro *O retrato de Dorian Gray* e o papel do narrador dentro da obra. A quarta seção relata sobre o filme e a caracterização do narrador, tendo por finalidade fazer a relação das semelhanças e distinções entre a obra e o filme. Na última seção, tem-se as considerações finais.

2 CONTEXTUALIZANDO LITERATURA E CINEMA

Este tópico contextualiza a literatura e o cinema, tomando como ponto de partida análises reflexivas, de acordo com diferentes concepções teóricas. Tal fundamentação permite visualizar os aspectos históricos sobre a literatura e o cinema, e ao mesmo tempo, associar com o presente, buscando uma compreensão consistente, para então nas sessões posteriores direcionar uma análise da versão literária e da versão fílmica do *O Retrato de Dorian Gray*.

2.1 Considerações acerca da literatura comparada e os aspectos conceituais e característicos do cinema

A literatura “foi a expressão artística de maior repercussão nos séculos XIX e XX” (GUALDA, 2010, p.329). Narrar, contar e ouvir história faz parte da vida. Todo ser humano, algum dia, ou em algum momento da vida, já contou uma história, pois este é um hábito antigo que tem sua origem desde as gravações rupestres. Historicamente, a Literatura tem sua origem no ato de contar histórias, a princípio de forma oral, que eram repassadas de geração a geração até o surgimento da escrita. Quando refere-se às origens da literatura comparada “se confundem com as da própria literatura. [...] Bastou existirem duas literaturas para se começar a compará-las, com o intuito de se apreciar seus respectivos méritos” (TRINDADE; JUNIOR, 2014, p.03).

Estabelecido a possibilidade de comparação entre as literaturas, permite-se compreender que a literatura não se trata de uma expressão com um único viés de interpretação, pois que se ramifica. Assim, ao comparar ambas, e dando ênfase ao estudo da literatura comparada, faz-se necessário analisar em que consiste o sentido de comparação. De acordo com Carvalhal (2006, p.07) “é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura. [...] é hábito generalizado em diferentes áreas do saber humano e mesmo na linguagem corrente”.

Quando se utiliza do procedimento de comparação apresentado acima, mesmo que haja a dinamicidade na linguagem que se possa empregar, por vezes

torna-se rotineiro e pré-determinado ao saber humano. Logo, a literatura não se limita “em paralelismos binários movidos somente como um ato de “comparar por comparar” os elementos, mas sim com a finalidade de interpretar questões mais gerais às obras ou procedimentos literários” (TRINDADE; JÚNIOR, 2014, p.05). A possibilidade de interpretar e reinterpretar desperta ao leitor extrair inúmeros significados e diferentes pretensões em produzir outras artes.

Assim, na história da literatura, quando se trata de passado e presente, é possível compreender que a recepção e produção de uma determinada obra é tratada de forma equilibrada, considerando a heterogeneidade que a observação permite, contribuindo assim, com a ampliação do conhecimento (COUTINHO, 2010). É em observância a esta heterogeneidade, que ressalta-se, no contexto vigente, aspectos referentes aos anseios atuais ou retomada do contexto histórico, logo o conhecimento de fato tende-se cada vez mais a se ampliar.

Nesse sentido, “a literatura tem na estrutura da palavra o seu alicerce referencial e o seu poder basilar. Num círculo vicioso ininterrupto, as palavras motivam as imagens, e as imagens nos trazem de volta às palavras” (CARDOSO, 2011, p.02). Assim, não há dúvidas do poder que a palavra apresenta, pois, as palavras e as imagens complementam-se e atribuem significados diversos. Posto isso, o surgimento da literatura comparada constitui-se da seguinte forma:

Referindo-se a um campo de atuação específico nos estudos literários, deu-se no momento da consolidação dos Estados Nacionais na Europa, e seus pressupostos estavam atrelados, ainda que de maneira incipiente, às discussões sobre as questões de fronteira, cultura e identidade nacional. Cabe destacar, pois, que desde os seus primórdios, a literatura comparada mostra-se preocupada com o diálogo cultural de calibre internacional (TRINDADE; JUNIOR, 2014, p.04).

O diálogo é indispensável, logo se verifica a importância da consolidação de um campo específico para um tipo de estudo literário que se preocupa em ampliar-se ao âmbito internacional. Para Coutinho (2010, p.116), a Literatura Comparada constitui-se em “um ramo da História Literária, autores, obras e movimentos, como manifestações de um contexto determinado, e, portanto, abordados por uma óptica extrínseca”.

Para atender o movimento e a dinamicidade do contexto que se pretende construir, e estruturar um estudo literário em observância aos fatores externos, deve-se considerar “todas as formas e práticas possíveis [...] de um inexcedível que

constitui a seleção e o olhar de cada investigador/observador" (ABRALIC, 2013, p.199).

Assim, é importante considerar as manifestações externas, através da particularidade de cada investigador, dentre as inúmeras possibilidades de caminhos na elaboração do texto, que consequentemente produz-se mais conhecimento, constituindo-se em uma atividade importante ao saber humano, de acordo com os acontecimentos vividos e presenciados, bem como das informações recebidas, através da comunicação oral.

Associado ao desenvolvimento da própria teoria da literatura, deve-se levar em consideração o avanço dos meios de comunicação. Assim sendo, independente do conteúdo de determinada obra, a mesma poderá ser um alvo de adaptações cinematográficas, atribuindo uma releitura, então é importante assinalar que, "o cinema desponta hoje como a mais unificante das artes, aquela que agrega o maior número de interessados" (GUALDA, 2010, p.329).

No cinema, tem-se a liberdade na escolha do tema e o modo como será produzido. Cinema pode ser considerado um tipo de linguagem que reproduz, de forma direta e física, os objetos da realidade, o que o liga ao padrão oral de significação. Tal qual a língua, o cinema é uma abstração, um objeto de estudo que se concretiza a partir de um código, de uma gramática e de um pacto social:

O cinema utiliza-se de códigos e sistemas sínicos superpostos, também abertos à polissemia, em parte herdados do teatro e da dramaturgia, sobretudo o arcabouço de cenas e diálogos, que apontam para a necessidade da representação humana. Contudo, o cinema conta com recursos físicos e tecnológicos (para não dizer técnicos) muito mais variados para a realização extrínseca de sua mensagem, que é a obra audiovisual (o filme). Com efeito, no cinema, a apreensão de um dado é imediata à imagem (ao menos em sua dimensão puramente visual, mas não interpretativa), ao passo que na literatura isso se dá de forma lenta, ao longo da decodificação e recepção, com o fluxo da escrita. (MARTINS, 2012, p.14)

Diante disso, independente de como a obra será construída ou reproduzida, é fundamental enfatizar que cada produção artística tem a importância e intencionalidade. Assim, o conjunto desses recursos na composição cinematográfica, como recurso audiovisual, permite uma leitura diferenciada da literatura que se utiliza da escrita.

A saber, o discurso literário e o discurso fílmico apresentam uma distinção “de ordem quantitativa, quase sempre ao que é pequeno no filme (um único plano, por exemplo) corresponde algo de muito grande no texto literário (uma frase, ou trecho longo)” (TRINDADE;JUNIOR, 2014, p.7). O leitor avaliará a obra que causará maior emoção, medo, suspense e alegria, de acordo com a preferência de gênero, dentre outras possibilidades ofertadas tanto pela palavra, quanto pela imagem.

Posto isso segundo Cardoso (2011, p.1) considera-se “a busca de autoafirmação, até o limite da nossa potencialidade, [...] nossas necessidades de criação, nossos anseios, inquietações, desejos, aspirações e fantasias”. Neste sentido, convém assinalar que, a linguagem verbal é utilizada também no cinema, especificamente na fala dos personagens, visto que, emprega-se a linguagem não-verbal com imagens e sons (GARRIT, 2007).

A imagem e o som não descharacterizam a essência da obra, pois ao adaptar uma obra em um filme, a história certamente passará a sua mensagem. O detalhe no êxito e receptividade da proposta fílmica, se concentrará em cada indivíduo com sua análise pessoal. No que se refere a presença do narrador será diferenciada dependendo da concepção e da intencionalidade da obra.

Em um texto literário, por exemplo, o narrador “é evidente para o leitor, uma vez que a produção verbal implica um distanciamento entre o momento passado, em que a história aconteceu, e o presente, em que a história é narrada” (CORSEUIL, 2009, p.300). Já no cinema, “a montagem, determinada pela forma como a história é contada, aponta para a existência de um mediador que organiza os eventos da história no tempo no espaço” (CORSEUIL, 2009, p.300).

O narrador, a critério do autor promove a identidade da obra, cronologicamente organizando as cenas para facilitar o entendimento, ou mesmo para deixar na dúvida o tipo de narrador utilizado. Diante dessa possibilidade e dessa liberdade, optou-se para análise a obra *O retrato de Dorian Gray* de 1890, com a autoria de Oscar Wilde.

3 O RETRATO DE DORIAN GRAY DE OSCAR WILDE – VERSÃO LITERÁRIA

Nesta sessão, propõe-se uma análise da obra literária *O retrato de Dorian Gray*, buscando compreender e identificar a presença do narrador.

3.1 Análise da obra literária *O retrato de Dorian Gray* e os elementos dessa narrativa

3.1.1 Enredo

Tem-se como enredo da obra literária de Oscar Wilde, um jovem rapaz de nome Dorian Gray, que encanta a todos em Londres, por sua boa índole, juventude e beleza. Basil, pintor, ao ver Dorian pela primeira vez fica fascinado pelo jovem, e logo decide pintar um quadro do rapaz, diga-se um dos melhores trabalhos de Basil. O jovem rapaz vai todas as tardes ao ateliê de Basil para posar, e em uma dessas tardes ele conhece Lorde Henry, um velho amigo de Basil, e logo se tornam bons amigos. Basil não aprovava a amizade de Dorian e Lorde Henry, pois sabia o quanto Lorde Henry era perspicaz e Dorian logo seria influenciado por ele.

Aos poucos e sem perceber, foi o que realmente aconteceu, Dorian estava deixando-se influenciar por Lorde Henry, passando de um jovem belo, gentil e de boa índole, para um jovem rude e cruel. Dorian aprendera a ver o mundo com outros olhos depois de ter conhecido Lorde Henry, começando a frequentar bares, a gostar de vícios carnais e químicos, chegando ao desatino de fazer um pacto, trocando a sua alma pela juventude eterna, falando que daria a própria alma para que nunca envelhecesse, para que tudo de ruim que o acontecesse fosse para o quadro que Basil havia pintado, e que ele permanecesse jovem e lindo, assim como estava na pintura.

Certo dia, em uma de suas saídas com Lorde Henry e Basil, Dorian viu uma linda moça, porém a mesma estava acompanhada e ele não foi ao seu encontro. Alguns dias depois, passeando pelo teatro ele viu uma foto daquela moça, era uma

atriz, de nome Sybil Vane, Dorian entrou no teatro, e ao assistiu à peça e logo se encantou com a moça.

No final daquela noite fora até seu camarim, e os dois conversaram. Sybil Vane mostrou reciprocidade ao encanto de Dorian, o que culminou em um relacionamento. Dorian e Sybil estavam apaixonados, dando um passo no relacionamento, logo noivaram. Seu amigo Lord Henry não aprovava esse noivado, sobre o pretexto que Dorian se prenderia, alegando que Dorian era muito jovem para casar, tinha muito para desfrutar da vida.

Para mostrar seu encanto aos amigos, Dorian decide convidar Basil e Lord Henry para assistirem a uma apresentação da sua amada, Sybil Vane, o que decepcionaria Dorian e o constrangeria diante dos amigos. Logo sua noiva havia se desencantado com o teatro e não se preparando para a peça, não fez uma apresentação como esperado o que o deixou muito irritado. Ele esperou acabar a apresentação e, em meio a uma discussão com Sybil, terminou o noivado. Não suportando o fim do seu noivado, a moça, em uma atitude desesperada, suicidou-se.

Ao saber da notícia da morte de Sybil, Dorian se entristece, mas logo em seguida, age como se nada tivesse acontecido. Seu amigo Basil fica cada vez mais intrigado com o comportamento de Dorian, chega a desconhecer o rapaz, e por diversas vezes o indaga: Onde está o Dorian que eu conheci? Dorian não ligava muito para o que Basil falava, para ele só importava noites de prazer, noitadas regadas de muitas festas e bebedeira.

Depois da morte de Sybil, Dorian se pega olhando para seu quadro e percebe que estava com manchas de sangue, que o quadro já possuía outra feição de seu rosto, uma espécie de crueldade no olhar que não havia antes, ele então decide guardar o quadro, no sótão da sua casa para que ficasse longe das vistas de todos e assim não vissem as mudanças.

Basil sente falta do quadro indagando a Dorian onde ele o guardou, Basil de pronto pede pra ver o quadro. Dorian nega, tentando convencê-lo que o quadro deveria ficar guardado, pois se trata de uma obra muito bela, não devendo ficar exposto no lugar onde estava. Basil não satisfeito com a desculpa de Dorian fica se questionando o porquê de Dorian ter tirado o quadro da sala. Basil não se deixa vencer pela desculpa de Dorian e insiste novamente, Dorian cede decidindo mostrar e contar toda verdade a Basil.

Então vão ao local onde está o quadro, Basil ao ver o quadro fica horrorizado, assustado no que havia se tornado a sua obra, Dorian então naquele momento decide que mais ninguém saberia do seu segredo, e em um momento de crueldade ceifa a vida de Basil com uma faca que estava do quarto. Para não deixar rastos, Dorian se desfaz do corpo de Basil. Assustado e com medo de ser descoberto, Dorian decide viajar.

Tempos depois, Dorian volta a Londres encontrando todos seus amigos mais velhos. Todos ficam surpresos com a juventude de Dorian e se perguntando como era possível que Dorian continuasse tão jovem e bela. Então Lorde Henry pede para que Dorian conte seu segredo a ele, o que ele fazia para continuar jovem e sem as marcas que o tempo traz como rugas e como continuava tão exuberante, mas Dorian foge as perguntas, se esquia de todos e se isola. No seu isolamento Dorian é consumido por sua maldade e pela culpa dos crimes que havia cometido, isso tirava-lhe o sono. Quando viajava sempre se aterrorizava, receoso de que outros descobrissem seu segredo, seus crimes.

Sabedor que a única coisa que o ligava ao crime que cometeu era o quadro, e que se ele o destruísse, se livrasse do único elo ele estaria livre de tudo aquilo que o afligia, toda a vida monstruosa, então ele decide destruir o quadro, usando a mesma arma que matou Basil. Dorian esfaqueia o quadro acabando com a sua proteção e todas as mazelas que o quadro absorvia, como a velhice, as cicatrizes, e até o ferimento que a faca fizera no quadro passam para seu próprio corpo, levando-o à morte.

Essa narrativa, portanto, constitui-se em uma reflexão sobre a juventude e envelhecimento, entre aparência e essência, prazer e castigo, além do crime, expressando as preocupações estéticas e os paradoxos morais de Wilde, visto que Wilde procurava mostrar que:

a arte pode ser a realidade, ao contrário do retrato da vida comum como era feito pelos artistas realistas. [...] o realismo era uma estética muito frágil e discutível, pois cada pessoa define a realidade de forma diferente. (QUELUZ; SILVA, 2015, p.171).

3.1.2 Tema, Assunto e Mensagem

Tema, assunto e mensagem são elementos que constituem a essência de uma história e não da estrutura. O tema é a ideia em torno da qual a história é desenvolvida, o assunto é a concretização do tema, isto é, como o tema é desenvolvido no enredo, e a mensagem é o pensamento ou a conclusão que se pode obter através da história. (GANCHO, 2006)

No romance *O Retrato de Dorian Gray* pode-se dizer que, tem-se como tema a ambição, já que Dorian deseja atingir seus próprios objetivos, alimentando, à qualquer custo, sempre seu próprio ego. Como assunto, temos um belo e jovem rapaz em busca de prazeres carnais, cujo envelhecimento e feições torpes, ocasionados por suas ações, são direcionados para o quadro. Por final, a seguinte mensagem: a beleza e os prazeres são passageiros, o rapaz que de tudo fez para permanecer lindo e jovem, tem um fim trágico.

3.1.3 Tempo, Ambiente e Espaço

Toda narrativa se caracteriza por conter em sua essência um conflito, vivenciado por personagens que executam ações em um determinado tempo e espaço. O tempo narrativo se faz necessário para narração da história, tanto quanto para apreciação. Além disso, é dentro de uma linha temporal e em uma sequência lógica que os acontecimentos de uma história evoluem possibilitando a compreensão do apreciador.

Na obra o *Retrato de Dorian Gray*, o tempo é cronológico; os fatos acontecem de forma linear, a história narrada conta a vida de um rapaz jovem e belo que volta para Londres depois da morte de seu avô. O espaço onde acontece a narrativa, é um espaço urbano, na cidade de Londres, mais especificamente no ateliê do pintor Basil , nos bares e no Teatro.

Portanto, com a leitura de cada capítulo do romance, Wilde detalha com precisão a composição do cenário, os personagens, os diálogos estruturados, os anseios, os desejos, as dúvidas, o crime, a paixão e ódio. Em alguns momentos há “um narrador intruso ou que explora psicologicamente os personagens. [...] Com o uso de vários tipos de narrador, conforme interessa ao desenvolvimento do enredo” (TOFFOLI, 2013, p.32).

Constrói-se uma narrativa com a possibilidade de identificar o tipo de narrador predominante. Analisa-se que o narrador aparece na terceira (extradiegético), como por exemplo:

O ateliê estava repleto do odor substancioso das rosas, e quando a brisa de verão agitou-se por entre as árvores do jardim, pela porta aberta, o aroma acentuado do lilás ou o perfume mais delicado do pilriteiro rosáceo (WILDE, 2016, p.07)

Ah, Harry, imagine uma garota, por volta de uns dezessete anos de idade, com um rostinho de uma flor, a cabeça pequena, grega, cachos laminados nos cabelos castanhos - escuros, olhos que eram fontes violetas de paixão, lábios como as pétalas de uma rosa (WILDE, 2016, p.58)

Descrevendo os personagens, o ambiente, o narrador abre as portas do mundo ficcional para o leitor, tornando marcante sua presença no curso da narrativa, deixando claro a sua posição como narrador externo (extradiegético) e onisciente intruso, um narrador que tudo sabe e tudo vê.

Buscando identificar o narrador no cinema, Noriega (apud CARDOSO, 2003, p.59) reforça aspectos de classificação fazendo uma distinção entre o narrador intradiegético e extradiegético. Para este teórico o narrador personagem pode ser considerado como diegético e extradiegético, considerando a existência de outro narrador extradiegético que é responsável por contar ao narrador intradiegético o seu próprio estatuto como personagem.

O outro tipo de narrador citado por Noriega (apud CARDOSO, 2003, p. 59) é o intradiegético que segundo o autor pode ser chamado homodiegetic, quando se trata de um personagem secundário, e de autodiegetic quando é o protagonista da história.

4 ANÁLISE VERSÃO FILMICA X VERSÃO LITERÁRIA DA OBRA O RETRATO DE DORIAN GRAY

Nesta sessão, analisa-se a adaptação filmica dirigida por Oliver Parker, considerando a fonte clássica escrita por Oscar Wilde. Reflete-se sobre as semelhanças e diferenças estabelecidas em ambas obras, além de analisar a presença do narrador específico desta versão.

4.1 Análise da versão filmica do romance *O Retrato de Dorian Gray* com o viés do narrador

Em 2009 foi lançada a versão filmica mais recente do romance, com direção de Oliver Parker. O gênero da trama constitui-se em drama, suspense e fantasia. As cores predominantes são o preto e tons claros, respectivamente, em alusão ao pecado, ao proibido e a pureza, a ingenuidade e ao que é simples. Vale ressaltar que "da adaptação com a concepção do artista e o seu contexto de produção. Cada diretor concebe o filme de uma forma diferente assim como os espectadores tendem a recebê-lo a partir de visões diferentes" (QUELUZ; SILVA, 2015, p.173).

Neste sentido, sob a ótica de Oliver Parker, o filme anuncia Dorian Gray como o foco da narrativa. O elenco principal é constituído pelo protagonista do romance, interpretado por Ben Barnes, Colin Firth (Lord Henry Wotton), Ben Chaplin (Basil Hallward), Rebeca Hurd-Wood (Sybil Vane) e Rebeca Hall (Emilly Wotton).

No tocante às semelhanças entre o livro e o filme, verifica-se que a história acontece em Londres no século XIX, com as características da época descrita na obra, e enfatizadas no filme pelos os casarões tradicionais, pelas vestimentas, no transporte, nos costumes, entre outros, ressaltando as festas luxuosas do século XIX.

A perversidade, a manipulação e a hipocrisia de Lord Henry Wotton é evidente, com sua filosofia de vida e influência negativa, diante da pureza e da ingenuidade de Dorian Gray. Um outro ponto a ser considerado é o pacto pela juventude eterna que conduz o romance. A pintura modifica-se e revela todas as

marcas de crueldade e de velhice de Dorian Gray, pois constitui-se em um segredo que jamais poderia ser revelado.

Basil alerta Dorian sobre a má influência de Henry. Contudo, o jovem Gray corrompe-se na busca por prazeres sem limites, assim sendo, opta por continuar ao lado de Henry, considerando-o como melhor amigo. Em ambas as obras é perceptível as dúvidas e a crise existencial de Dorian, que questiona qual seria o efeito de tudo isso em sua alma. No entanto Henry, aconselha que diante dos fatos consumados não há volta, sempre reforçando que o jovem deve aproveitar sem limites a juventude e a beleza que dispõe.

Não há dúvidas da paixão de Basil por Dorian e o culto ao narcisismo. Dorian encanta-se indubitavelmente pela atriz Sybil, por sua interpretação e sua forma angelical. A atriz em entrega absoluta por amor a Dorian, comete suicídio assumindo na vida real o fim trágico da história das personagens que encenava no teatro. As atitudes tomadas por Dorian são responsáveis por destruir a sua própria vida e também de outras pessoas. A morte dele mesmo é o resultado de toda crueldade causada, colocando um fim à maldição do quadro.

No que diz respeito ao filme e as diferenças existentes, verifica-se que, na primeira cena, Dorian aparece friamente assassinando Basil, colocando o corpo do artista em um baú preto com as iniciais D.G e atirando o baú no rio. Ocorre então a inversão cronológica em relação ao trágico fim do artista, visto que:

Quadro 01

<p>No livro, Dorian leva Basil à sala de cima da casa onde o quadro encontra-se escondido. Com uma faca, o jovem Dorian esfaqueia repetidas vezes esmagando a cabeça do pintor Basil. (p.169)</p>	<p>No filme, Basil procura Dorian para saber da pintura, o jovem pede que ele siga-o até o sótão, o pintor horrorizado pede a Dorian que o quadro seja destruído, com um instrumento pontiagudo de vidro mata-o, o atingindo repetidas vezes no peito.(de 02'14" a 02'18").</p>
---	---

Fonte: a autora

Figura 01 - Cena do personagem Dorian Gray com um instrumento pontiagudo de vidro mantando Basil



Fonte: Cena do filme *O retrato de Dorian Gray*, direção de Oliver Parker (2009, de 02'14" á 02'18").

Cronologicamente, há o retorno de um ano antes do assassinato, com Dorian na plataforma de desembarque do trem, após receber a herança do tio falecido, encantado com a cidade e todo o seu movimento, curiosamente surge um baú branco com as mesmas iniciais anteriores, contendo os pertences de Dorian. O jovem ingênuo é alvo de pequenos furtos e chama a atenção por onde passa. Vitor, o mordomo, vai ao seu encontro e o leva para a sua casa, enorme, cheia de luxos e empregados. Quanto às características físicas do Personagem Dorian, são elas:

Quadro 02

No livro, Dorian é descrito com a pele clara, lábios escarlates finamente curvados, olhos azuis e cabelos loiro encaracolado (p.22).	No filme, Dorian apresenta olhos castanhos escuro, cabelo liso e preto, na altura dos ombros (03'16").
---	---

Fonte: a autora

Figura 02 - Cena de Dorian chegando em Londres



Fonte: Cena do filme *O retrato de Dorian Gray*, direção de Oliver Parker (2009, em 03'16").

Na cidade, os nobres da sociedade britânica interessados no jovem, principalmente as mulheres, por sua beleza, inclusive aos olhos de Basil. O artista ao avistá-lo demonstra interesse em pintar um quadro de Dorian Gray, ressaltando a beleza do jovem. Dorian aceita. No ateliê, a obsessão de Basil é nitidamente expressa com vários desenhos de Dorian.

Quadro 03

No livro, Henry conhece Dorian no atelier de Basil (p.21).	Já no filme, Lord Henry conhece o jovem Gray em festa (08'43").
--	---

Fonte: a autora

Figura 03 – Cena de Dorian conhecendo Lord Henry em uma festa



Fonte: Cena do filme *O retrato de Dorian Gray*, direção de Oliver Parker (2009, em 08'43").

Basil e Dorian, a partir de então, tornam-se amigos, e decidem ir para uma festa, chegando lá o anfitrião é Lord Henry, logo que avista o jovem, Henry aproxima-se com demasiado interesse e a partir desse momento as suas palavras venenosas começam a destilar todo o seu efeito, com intenções dúbias, certamente.

Quadro 04

Na obra, Dorian faz o pacto, sozinho, sem a influência de Lord Henry. (pp. 32-34).	No filme, Dorian faz o pacto induzido por Lord Henry. (19'26").
--	---

Fonte: a autora

Figura 04 – Cena de Dorian fazendo o pacto



Fonte: Cena do filme *O retrato de Dorian Gray*, direção de Oliver Parker (2009, em 19'26").

Angustiado com a possibilidade de envelhecer e de perder tamanha beleza, Dorian aproxima-se da pintura e a admira. Concomitantemente a isso Henry pega uma pétala de rosa vermelha, queima-a numa vela e questionando Dorian se ele venderia sua alma pela eterna juventude. Dorian toca no quadro e afirma que o faria. A partir de então, Dorian toca sua própria mão no retrato e o pacto é consumado. Para exaltar a própria beleza, em sua residência e com alguns convidados, Dorian revela a obra de arte pintada por Basil, até um fotógrafo foi chamado para registrar o momento.

Quadro 05

Na obra, Basil se recusa a expor o quadro, e apenas entrega a pintura para Dorian (p.11).	Na obra, na casa de Dorian, Basil expõe o quadro para homens e mulheres da sociedade britânica. (20'02").
--	--

Fonte: a autora

Figura 05 – Cena do quadro de Dorian sendo exposto à sociedade britânica.

Fonte: Cena do filme *O retrato de Dorian Gray*, direção de Oliver Parker (2009, em 20'02").

Por coincidência, Dorian descobre um Teatro que Sybil interpreta e fica extremamente fascinado com a atuação da jovem. Desde o primeiro ato Dorian mostra-se extremamente apaixonado, levando a atriz para passear no lago. Na casa de Dorian, no ensejo, a moça ganha um vestido, com o intuito de conquista-la de vez. Enquanto espera, à atriz avista a pintura de Dorian.

Quadro 06

Na versão literária, Sybil Vane se encontra com Dorian, apenas no teatro, e o contato mais íntimo entre eles, acontece com um beijo. (p.85).	Na versão fílmica, eles se encontram fora do teatro, inclusive na casa de Dorian, onde mantêm relação sexual (25'27" a 29'03").
--	---

Fonte: a autora

Figura 06 – Cena de Sybil Vane no lago e na casa de Dorian.



Fonte: Cena do filme *O retrato de Dorian Gray*, direção de Oliver Parker (2009, de 25'27" a 29'03").

Após passarem a noite juntos, o jovem Gray anuncia o noivado com Sybil Vane. Contudo, influenciado por Henry, a uma vida de luxúria e mentiras, Dorian termina com Sybil, após encontrá-la no teatro e ser cobrado por fidelidade no amor. Henry, inclusive, observou tudo na parte de cima do Teatro.

Quadro 07

No livro, a morte da atriz Sybil Vane é avisada por Henry, em uma carta enviada para Dorian (p.107)	Já no filme, a atriz tem um irmão chamado Jim, que pessoalmente, vai a casa de Dorian, e anuncia a morte da irmã. (39'29" a 39'38").
---	--

Fonte: a autora

Figura 07 – Cena de Jim anunciando a morte de Sybil Vane.



Fonte: Cena do filme *O retrato de Dorian Gray*, direção de Oliver Parker (2009, de 39'29" a 39'38").

Ao chegar de mais uma noite de festa na companhia de Henry, Jim irmão de Sybil, trouxe-lhe a notícia que Sybil está morta, que atirou-se num rio usando o vestido que Dorian presenteou, contando inclusive que a moça estava grávida. Em fúria, ele tenta matar Dorian. Pasmo com a morte da atriz, Dorian observa que o quadro apresenta umas modificações, principalmente na mão cortada.

Quadro 08

No romance, a jovem Sybil é encontrada morta em seu Camarim.(p.108).	No filme, Sybil morre afogada como a personagem Ofélia shakespeariana e estava grávida de Dorian (39'57").
--	--

Fonte: a autora

Figura 08 – Cena de Sybil Vane morta no rio.

Fonte: Cena do filme *O retrato de Dorian Gray*, direção de Oliver Parker (2009, em 39'57").

Ao saber do triste ocorrido, Basil demonstra o seu apoio e sensibilidade a Dorian. No mesmo instante o pintor observa que o quadro foi retirado da sala principal da casa. Para esquecer o ocorrido com Sybil, Dorian investe em bailes, orgias e bebidas. Basil então instiga Dorian de como o quadro é uma obra prima e que deseja expor.

Quadro 09

Na versão literária, o romance entre Dorian e Basil, não é retratado na obra literária, logo a homossexualidade não é nem de longe explorada. Basil vive um amor platônico por Dorian. (p.129).	Ao contrário disso, no filme, passa a imagem de um Dorian sedento pelos prazeres da vida, onde explicitamente mostra a relação de intimidade com o artista (53'08").
---	---

Fonte: a autora

Figura 09 - Cena do beijo entre Dorian e Basil.



Fonte: Cena do filme *O retrato de Dorian Gray*, direção de Oliver Parker (2009, em 53'08").

Com o decorrer da trama, Dorian acaba por fugir de Londres para refugiar-se. Então passam-se incontáveis anos e Dorian decide retornar para a cidade natal. Em uma rotineira reunião da alta sociedade britânica, organizada por Henry, Dorian surpreende a todos, pois permanece belo e jovem, enquanto os demais envelheceram. Acusado de ser demoníaco e por sua vida pregressa, por onde passa Dorian é desprezado.

Na mesma ocasião Dorian conhece Emilly, filha de Henry, sagaz, bela e independente. Esta envolve-se com Dorian, contudo Henry, por conhecer a vida de Dorian, proíbe a aproximação dos dois e pede que Dorian se afaste de sua filha. Henry não contava que toda a sua criação e manipulação cruel se voltassem contra ele, visto que os dois apaixonados ficam juntos e decidem-se casar.

Quadro 10

Nas entrelinhas do livro, Lorde Henry e a esposa Victoria não têm filhos. (pp 51-54).	No filme, Lorde Henry e a esposa Victoria, têm uma filha de nome Emilly (01h33'32").
---	--

Fonte: a autora

Figura 10 – Personagem Emilly Wotton, filha de Lord Henry



Fonte: Cena do filme *O retrato de Dorian Gray*, direção de Oliver Parker (2009, de 01h33'32").

A partir de então, Henry decide juntar provas contra Dorian para descobrir o segredo da sua eterna juventude e assim salva filha. Henry desconfia que o mistério está na pintura de Dorian. Através da análise de fotos Henry descobre o segredo de Dorian. Neste momento acontece o jantar de casamento da filha, então sai apressadamente, vai até o sótão, onde o quadro provavelmente está escondido. Dorian percebe que Henry descobriu o seu segredo e sai correndo para impedir.

Henry chega primeiro, lá encontra o cachecol de Basil coberto de sangue e vê que o quadro se encontra coberto. Ao puxar o pano, fica extremamente horrorizado. O quadro criou uma espécie de vida própria emitindo sons horripilantes. Pouco minutos depois, Dorian chega e vê que tudo foi desvendado, culpando Henry por toda a situação, então ele tenta matar aquele que foi o seu fiel confidente e manipulador. Henry então, consegue se livrar de Dorian, tomando a atitude de pôr fogo no quadro, trancando Dorian no sótão em chamas. Emilly chega e tenta salvar o amado, porém o pai impede. E Dorian rende-se e morre tragicamente.

Quadro 11

No livro, a personagem protagonista Dorian, morre com uma faca no coração. (p 237).	No filme, Lorde Henry coloca fogo no quadro de Dorian, sai do sótão e Dorian morre queimado junto ao quadro (01h44'33").
---	--

Fonte: a autora

Figura 11 - Cena de Dorian em chamas.

Fonte: Cena do filme *O retrato de Dorian Gray*, direção de Oliver Parker (2009 em 01h44'33").

Portanto, o cinema permite, ao mesmo tempo, que o espectador verifique que a ação de narrar pode ser conduzida “pela voz do personagem e outra conduzida com a perspectiva do olhar da câmera [...]. Uma apoia-se no verbal, a outra é propriamente cinematográfica” (BULHÕES, 2009, p.52). No cinema o distanciamento ou a aproximação entre o espectador e a história é intermediado pelo olho da câmera subjetiva ou objetiva. Assim como a narrativa cinematográfica é constituída por duas instâncias narradoras, a focalização também se dá a partir de dois focos narrativos: uma focalização interna e uma focalização externa.

Baseado na teoria da narrativa, Bulhões (2009, p.52) explica que no cinema existem dois tipos de focalizações: uma chamada de focalização interna que acontece com a presença de um personagem assumindo a função de enunciar os acontecimentos para o espectador. Esse personagem tem a sua própria imagem revelada através de uma focalização externa que mostra tudo, inclusive, o que ele não vê.

Entendendo que existe uma focalização externa que tudo vê e mostra, inclusive aquilo que os personagens não veem, foram selecionadas as seguintes cenas para análise:

Figura 12- Lorde Henry presenciando a discussão de Sybel e Dorian



Fonte: Cena do filme *O retrato de Dorian Gray*, direção de Oliver Parker (2009 em 36'14").

Um exemplo de focalização externa com um narrador onisciente que tudo vê e tudo mostra, inclusive aquilo que os personagens não veem, está evidente no tempo 0:36:14. Nesta cena, Lorde Henry fala a Dorian e Sybil ,que vai embora, e em seguida a jovem e o rapaz começam uma discussão, no entanto Lorde Henry, vai até o camarote, e assiste de lá a perversidade do rapaz para com a jovem, sem que eles percebessem sua presença.

Assim fica claro que existe um narrador externo com uma focalização externa, onisciente, onipresente tudo vê e tudo mostra inclusive, aquilo que a personagem não vê.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, tanto a arte escrita quanto a arte reproduzida em imagens, sons, cores e toda a magia do cinema com seus detalhes, permitem ao leitor se transportar para a história a cada capítulo narrado, e a cada cena, visto que concretizam a possibilidade de interpretações diversas. Assim aconteceu com o romance de Oscar Wilde de 1891 e com a adaptação filmica de Oliver Parker, em 2009.

De fato, a adaptação de 2009 é uma criação diferente da obra de origem, com acréscimos, condensações e com cenas bastante “sexualizadas”, que envolvem orgias, sadomasoquismo e uso de substâncias químicas, entretanto a essência do romance permaneceu. Ao longo da história, Dorian Gray de fato foi um discípulo fiel de Lord Henry, cumprindo coerentemente com cada orientação. Assim sendo, Henry encontrou um terreno fértil, alcançando com sucesso tudo que planejou na vida de Dorian, reconhecendo o jovem como um objeto de pesquisa. Logo não foi difícil corromper a sua inocência, despertando um narcisista fascinado em satisfazer-se de prazeres e luxúria.

Em nome de uma juventude eterna, verifica-se o quanto a vaidade é vã e efêmera. Porém os meios obscuros para obter esses prazeres não evitam o acerto de contas, a culpa e o medo. É empregado crítica aos costumes da época. Há o diálogo entre beleza e hedonismo. Aquilo que ficou nas entrelinhas da relação de Basil com Dorian no livro, na adaptação filmica de 2009, com o beijo homossexual, é mostrado declaradamente que Dorian era bissexual.

Portanto, a obra inspirou e tem inspirado muitas adaptações cinematográficas, literárias e artísticas sendo, até hoje, uma obra clássica e de grande interesse. Reconhece-se a importância deste trabalho acadêmico tanto para a formação profissional, quanto para o curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês, na área da Literatura. Espera-se que novas reflexões teóricas sejam levantadas em torno dessa temática, culminando em novas produções.

Somado a essas razões, o estudo ainda contribui com um maior conhecimento teórico sobre Literatura e Cinema o que possibilita a realização de

outros estudos, especialmente no que se refere à aplicabilidade das teorias do narrador e da narrativa nos diferentes meios.

Fazendo uma análise comparativa entre Cinema e Literatura em *O Retrato de Dorian Gray*, percebe-se nitidamente a participação do narrador nas duas obras, com uma diferença marcante entre o narrar e mostrar. Enquanto na Literatura a identificação do narrador é facilitada por um distanciamento claro entre o tempo da narrativa e o tempo dos fatos narrados, no cinema isso parece se complicar, pois mostrar as imagens em movimento e passa a sensação de que o narrador não existe, o que não é verdade. É exatamente na edição de imagens que o narrador fílmico atua em uma instância superior àquelas representadas pela ação conjunta de atores, fotogramas, planos e montagem.

Assim foi possível identificar que o narrador em *O Retrato de Dorian Gray*, tanto no livro de Oscar Wilde, como no filme dirigido por Oliver Parker, é do tipo onisciente, onipresente e heterodiegético. No livro o narrador é onisciente intruso, pois ele deixa transparecer que tudo sabe sobre as personagens, inclusive o que elas sentem e pensam, narra em terceira pessoa do plural e conversa diretamente com o leitor. No filme, o narrador mostra a sua onipresença e onisciência estando em todos os lugares, vendo e mostrando inclusive, aquilo que a personagem não vê.

6 REFERÊNCIAS

- ABRALIC. Associação Brasileira de Literatura Comparada. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. v.1, n.1 (1991). Rio de Janeiro: 1991, v.1, n.23, 2013.
- AUMONT, J. ; MARIE, M. **Dicionário Teórico e Crítico de Cinema**. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas: Papirus editora, 2003, p. 167.
- BULHÕES, M. **A questão do narrador na ficção midiática**. Alceu, v. 9, n. 18, jan/nuh. 2009.
- CARDOSO, Joel. Cinema e literatura: contrapontos intersemióticos. **Revista Literatura em Debate**, v. 5, n. 8, p. 1 a 15, jan.-jul., 2011.
- _____, L. M. **A problemática do narrador: da literatura ao cinema**. Lumina, v. 6, n.1/2, p.57-72, jan./dez. Juiz de Fora: 2003.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CORSEUIL, Anelise Reich. Literatura e Cinema. Teoria Literária. **Literatura e cinema**. In: ZOLIN, Lúcia Osana e BONNICI, Thomas (Org.). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009. 295-304 p.
- COUTINHO, Eduardo F. **Reflexões sobre uma nova historiografia literária na América Latina**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ilha do Desterro Florianópolis nº 59 p. 113-132 jul./dez. 2010.
- DORIAN GRAY**, (*The Picture of Dorian Gray*). Diretor: Oliver Parker. Inglaterra, 2009. Roteirista: Toby Finlay. 112 min.
- GANCHO, V. C. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- GARRIT, L. L. A. S. **Comparaçao Semiótica entre o Cinema e a Literatura**. Diálogos – Revista do Grupo de Estudos do Neo-estruturalismo Semiótico – 2007.
- GUALDA, L. C. **Literatura e cinema: pontos de contato entre Dom casmurro e Dom**.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. **Cinema e literatura:** algumas reflexões e considerações sobre o roteiro como gênero intersemiótico. Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) /Iraty. Anuário de Literatura, ISSNe: 2175-7917, vol. 17, n. 1, p. 9-28, 2012.

QUELUZ, Rebeca Pinheiro; SILVA, Andressa Cristine Marçal da. **Oscar Wilde revisitado: estudo de três adaptações de o retrato de Dorian Gray.** Revista de Literatura, História e Memória. VOL. 11 - Nº 17 – 2015. ISSN 1809-5313. UNIOESTE/CASCAVEL. p.171-185.

TOFFOLI, Tânia. **Retrato de Dorian Gray:** um romance em três tempos Circulação entre Inglaterra e Brasil. Campinas, SP: [s.n.], 2013.

TRINDADE, Eliane Cardoso da; JÚNIOR, Luís Guilherme dos Santos. **Cinema e literatura:** uma análise de o retrato de Dorian Gray. ANAIS - I Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará - 20, 21 e 22 de fevereiro de 2014.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray.** Trad. José Eduardo Ribeiro. Porto Alegre: L&PM, 2016.